

Você devolveu minha cidade

Ignácio de Loyola Brandão

A certa altura dos anos 1990, enviei a Brasília um pedido. Que a primeira-dama Ruth Cardoso me desse uma entrevista exclusiva para a revista *Vogue*, da qual eu era redator-chefe. Ela já recusara duas vezes, alegando falta de tempo. Tinha realmente muitos encargos, principalmente com a Comunidade Solidária, o Artesanato Solidário, a alfabetização de milhões de crianças, a capacitação de jovens e adultos. Imensos projetos para o Brasil, como jamais uma primeira-dama tinha enfrentado.

Súbito, ela abriu uma brecha. Teria um tempo se a entrevista fosse feita por mim, Ignácio. “Somos de Araraquara, mas com a universidade, a carreira, a antropologia, o casamento, os filhos, as viagens, perdi minha cidade. Voltei pouco a ela. E era minha raiz. Nesses momentos visitava minha amiga Marialice Lia Tedde. Ela ligava para a sorveteria Uesato que nos levava taças de Creme Suisso. Era assim, com dois SS. Me diga! Ainda existe o sorvete de minha infância?”

- Claro, doce!

Feliz, ela marcou um encontro em seu apartamento em São Paulo, na Rua Maranhão, entre 14 e 15 horas. Advertiu, sorrindo: “Seja pontual.”

Naquela tarde, mal entrei e cumprimentei ela indagou:

- Ainda existe?

- O sorvete? Existe, bom.

Nesse momento o telefone tocou, ela atendeu:

- Quem é? Deputado federal o quê? Repita, seu nome.

Breve intervalo, Ruth indagou:

Quer que eu dê um recado ao presidente? Lamento! Não sou mulher de dar recados, meu senhor.

Desligou. Essa era uma das Ruths que conheci. Ela disparou uma sequência de indagações que resumiam Araraquara.

A Rua 5, túnel de oitis, está lá? O Jardim Público com a oval de grama no centro? Quem atravessasse pisando na grama ficava louco. Está lá? A revoada de andorinhas no final da tarde? Os apitos das locomotivas que marcavam a rotina da cidade? A sirene da Lupo fábrica de meias no final do dia, levando centenas de operárias para as ruas? O footing, a paquera, entre os dois cinemas? O Baile do Carmo só para negros? Comemorou cem anos? O Clube Araraquarense para cujos bailes, mamãe Mariquita, criava para mim invejáveis modelos especiais? O 27 de Outubro, clube classe média onde estavam os melhores bailarinos de

cidade, continua? Os cinemas onde tínhamos visto tantos musicais? Vendidos, serão uma loja, o outro, templo? Gostávamos de musicais. Eu, Ignácio, adorava Gene Kelly, ela discordou, Fred Astaire era mais leve e elegante. Atualizei tudo.

No meio da tarde, ela me levou à cozinha e preparou duas xícaras de café. “Mamãe me ensinou a fazer uma, duas, três xícaras, exatas. Mas, vamos ao assunto, passei a vida em nossa cidade tomando o Creme Suisso do Uesato. Então ainda existe?”

- Especialidade única. Uesato morreu. O sorvete, não! É um creme dulcíssimo, marrom, feito com leite e açúcar queimado. Nunca vi em outro lugar. Nem na Suíça, onde estive em 1963. Os sorveteiros japoneses na minha cidade ainda mantêm a tradição. Disse a ela que nossa receita é diferente, sui generis segundo estudiosos.

Lembramos que Celso Lafer, diplomata e ex-ministro das Relações Exteriores, acadêmico nas Academias de Letras Paulista e Brasileira, ao meu lado viveu e estudou por um período da juventude lá. Cidade de Zé Celso, do Oficina, de artistas plásticos de envergadura como Lívio Abramo e Judith Lauand, dos atores de teatro e cinema Sebastião Campos e Maria Dilnah. Do jogador de futebol Careca, do campeão olímpico de basquete Rosa Branca. Cidade onde Mário de Andrade escreveu “Macunaíma” e, nos finais de tarde, Gilda de Mello e Souza era uma das crianças a quem Andrade lia o que escrevera.

Araraquara, Morada do sol, de onde saiu a superstar Liniker, consagrada trans. Cidade de Luiz Roberto Fortes, tradutor de Sartre, e de Luiz Ernesto Gadelha, que criou o Gigantão, obra prima de design arquitetônico. E de Sidney Sanches, presidente do Supremo Tribunal Federal, que 'impichou' Fernando Collor. E Sartre e Beauvoir foram lá em 1960, ele falou sobre comunismo e existencialismo. Simone cultivava uma dor de cotovelo, voltava dos Estados Unidos, onde rompera com seu amante, o romancista Nelson Algren

Conversamos muito naquela tarde. Eu conhecia todos os parentes dela, muito católicos, beatos, as tias igrejeiras. Sabia de todos os amigos. Nossa diferença de idade era pouca, ela nasceu em 1930, eu em 36. Sabia que Nelson Gullo, em Araraquara, também tido como um belo homem, tinha sido um dos muitos que carregavam um vagão por ela. Esta gíria significava fazer tudo para seduzir uma jovem. Afinal, minha cidade era dominada por duas ferrovias, a Paulista e a Araraquarense.

Nelson, depois meu sogro, pai de Marcia, era do grupo fiel no qual Mariquita e o marido confiavam para “defendê-la” dos mal-intencionados. Isto até ela deixar a cidade aos quinze anos, enviada pela mãe para estudar no Colégio Des Oiseaux, em São Paulo.

Sou de Araraquara. Aos 16 anos comecei a trabalhar no semanário “Folha Ferroviária”, depois no diário “O Imparcial”, onde o pai de Ruth, José Correia Leite, era o contador. Estudei no Ginásio Estadual, hoje Instituto Estadual Bento de Abreu, tendo Mariquita, mãe de Ruth, como professora de biologia. Sua matéria era dada entremeada com historietas que nos encantavam.

Na juventude e até ele morrer fui amigo de Renato Correia Rocha, fazendeiro muito bonito e rico. Por um rápido tempo, ele namorou Ruth. Porém Mariquita, de família conservadora, não viu a ligação com bons olhos a partir do momento em que Renato, aos 16 anos, fundou na cidade uma facção – não tinha o mesmo sentido de hoje, claro - do Partido Socialista. Renato foi “cancelado”.

Ele era irmão de Gilda de Mello e Souza, mais tarde das mais cults professoras da USP, casada com Antonio Candido. Ambos pais de Ana Luísa Escorel, Laura de Mello e Souza e Mariana de Mello e Souza.

Entre todos os livros que escrevi em 60 anos de literatura adoro a biografia desta mulher, publicada pela Globo. Daqui para a frente vem o resto, Fernando Henrique, família, o Real, a história do Brasil. E tudo mais.

Ao me despedir, naquela tarde, Ruth me abraçou: “Obrigado, você me recuperou a cidade perdida. Encaixei-a dentro de mim.”

Ignácio de Loyola Brandão é um contista, romancista e jornalista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.